

## **Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador**

Márcio Danelon

### *Resumo:*

*O presente texto tem por objetivo apresentar Nietzsche como um educador que educa através de suas obras. Para tanto, partiremos da análise que fez na obra Schopenhauer como educador, tomando as características necessárias que, na ótica nietzschiana, fizeram de Schopenhauer um educador. A partir disso, transplantaremos essas características do educador para as obras posteriores de Nietzsche, numa análise que demonstra ser Nietzsche também um educador, pois tais características são intrínsecas aos seus textos, principalmente no Assim falou Zaratustra.*

### *Palavras-chave:*

*Educação; Zaratustra; gênio; modernidade*

Professor do Curso de Filosofia das  
Faculdades de Filosofia, História e  
Letras. Universidade Metodista de  
Piracicaba - UNIMEP  
Doutorando em Filosofia da Educação.

Perspectiva. Florianópolis, v.19, n.2, p. 405-424, jul./dez.2001

Em 1874, Nietzsche escreve sua terceira *Consideração extemporânea* intitulada *Schopenhauer como educador*, na qual tece severas críticas, entre outras, ao sistema educacional da Alemanha do século XIX. Influenciado pelo seu rigoroso estudo de filologia sobre a Grécia clássica, Nietzsche tomava-a como modelo de cultura propícia para a formação de grandes homens. Na leitura nietzschiana, eram os poetas trágicos os grandes homens produzidos pela cultura grega. É nesse referencial de cultura que Nietzsche espelhou-se para afirmar o estado de decadência das universidades alemãs:

Enquanto isto, o tal filósofo me fazia falta e eu tentei em vão com um e outro; descobri assim, o quanto era miserável a nossa condição frente aos gregos e aos romanos, mesmo somente do ponto de vista de uma concepção séria e rigorosa das lições da educação. Com esta necessidade no coração pode-se correr por toda Alemanha indo até mesmo em todas as universidades e não se encontrará aquilo que se procura; pelo contrário, desejos muito mais simples e menos elevados ficam incompletos (NIETZSCHE, 1999, p.4).

Em oposição ao ideal de educação grega, em *Crepúsculo dos ídolos*, um texto do período final de produção filosófica reafirma sua crítica à universidade alemã do século XIX: “Aprender a *pensar*: nas nossas escolas não se sabe mais o que isso significa. Até mesmo na universidade, até mesmo entre os verdadeiros doutores da filosofia, a lógica como teoria, como prática, como *profissão* começa a desaparecer”. (NIETZSCHE, 1995a, Aquilo que os alemães não tem, § 7). E mais adiante: “Qual a tarefa de toda instrução superior? Fazer do homem uma máquina”. (NIETZSCHE, 1995a, Incursões de um Extemporâneo, § 29). Em 1872, dois anos antes do *Schopenhauer como educador*, é publicado o primeiro livro de Nietzsche, *O Nascimento da tragédia*, que recebeu nos meios universitários alemães algumas críticas, conforme a afirmação de Janz (1987, p.132):

Se empregou muita diligência e agudez em demonstrar e fazer notar ao filólogo Nietzsche que sua visão dos deuses Apolo e Dionísio não estavam de acordo com a história das religiões, assim como o modo de usá-los como símbolos não foi inventado por ele, mas que teve antecedentes e exemplos anteriores a ele. Wagenvoort, por exemplo, defen-

deu a tese de que Nietzsche, ao mais tardar, em 1866, conheceu, por mediação de Rohde, o livro de Henri Michelet *La Bible de l'humanité*, que foi publicado em 1864, no qual o historiador francês, nascido em 1798, já expunha a polaridade 'apolíneo-dionisíaco' no mesmo sentido em que fez Nietzsche em sua obra.

E, o que é mais alarmante, houve uma completa indiferença ao *Nascimento da tragédia*, ou seja, os meios universitários alemães se emudeceram frente a obra nietzschiana (JANZ, 1987, p. 142; HALÉVY, 1989, p. 96). Em uma carta endereçada ao barão de Gersdorff, escreve Nietzsche (1944, p. 158, entre parênteses é meu):

O meu livro (*Nascimento da tragédia*) encontra grandes dificuldades para difundir-se. Rohde tinha escrito sobre ele um excelente artigo para a 'Litterarische Zentralblatt', mas foi recusado pela redação. Esta era a última possibilidade de que uma voz séria comentasse o meu livro numa revista científica.

Essa indiferença, encontrada por Nietzsche nos meios universitários alemães, quanto a sua primeira obra, levaram-no, nos anos seguintes, a pronunciar uma série de conferências, que ficaram conhecidas como *Considerações Extemporâneas*, nas quais o texto *Schopenhauer como educador* faz parte. Pode-se questionar se o silêncio da Universidade ao seu *Nascimento da tragédia* foi o elemento motivador dessas conferências, pois numa delas, Nietzsche critica justamente a universidade alemã. Desde esse ponto de vista, não seria, então, este texto uma resposta nietzschiana à indiferença quanto ao seu primeiro livro? Na ótica nietzschiana, o silêncio confessa o desconhecimento e a mesquinhez da universidade alemã à cultura grega, assim o *Schopenhauer como educador* não seria exatamente a acusação direta e explícita de Nietzsche ao "analfabetismo" da cultura alemã?

Para além dessa discussão, a crítica nietzschiana ao sistema de ensino alemão transcende a esta conferência, pois está presente em toda a sua obra, como ficou claro na passagem de *Crepúsculo dos ídolos*. Dessa forma, a crítica ao modelo de ensino alemão constitui-se num dos seus objetos de estudo, pois, como veremos, a educação, tal qual era desenvolvida na época de Nietzsche, somente propiciava o empobrecimento do homem.

No texto *Schopenhauer como educador*, Nietzsche traz à tona, como tópico de reflexão, a discussão da idéia de um modelo de educador, ou seja, a educação se faz somente se o educando tiver como referência para sua educação um modelo de mestre no qual ele possa assumir para si. Nesse sentido, Nietzsche toma como necessário um modelo para a produção de uma cultura superior em detrimento da cultura alemã da época, sendo que no *Schopenhauer como educador*, Schopenhauer seria o exemplo:

Para descrever quanta importância teve para mim o primeiro olhar nos textos de Schopenhauer, concedam-me lembrar uma imagem que na minha juventude foi freqüente e insistente como nenhuma outra. Quando em um tempo me abandonava, ao meu agrado, aos desejos, eu pensava que o destino teria me livrado da tremenda fadiga e do dever de me auto-educar somente se encontrasse, no momento certo, um filósofo como educador, um verdadeiro filósofo a quem eu pudesse obedecer sem pensar, pois depositaria nele uma confiança maior do que em mim mesmo (NIETZSCHE, 1999, p.3).

Para Nietzsche, Schopenhauer seria um modelo de filósofo através do qual os homens poderiam se elevar acima da cultura da época; assim a filosofia schopenhaureana seria uma espécie de caminho que conduziria o homem a um patamar superior de cultura. Nas palavras daquele autor, “Era, então, um embalar-se nos meus desejos, quando imaginava poder encontrar como educador um verdadeiro filósofo, que fosse capaz de erguer uma pessoa além da insatisfação congênita da época...” (NIETZSCHE, 1999, p.5).

A partir disso, está em evidência, para o autor, a formação de um tipo de homem superior, que ele denominou de gênio<sup>1</sup>, cuja tarefa seria de crítica à cultura medíocre da época e, posteriormente, de elevação a uma cultura superior:

Todo homem costuma encontrar em si mesmo uma limitação tanto na sua atitude como na vontade moral, que o transborda de um desejo violento e de melancolia; e, como do sentimento da própria inclinação ao pecado aspira ao Santo, o ser intelectual, tem, em si um vivo desejo ao Gênio. Eis a raiz de toda verdadeira cultura ... (NIETZSCHE, 1999, p. 10).

Nós veremos mais adiante que, sendo a função do filósofo educador promover a ascensão do gênio, como Nietzsche mostra no texto *Schopenhauer como educador*, num texto posterior a este, mais especificamente no *Assim falou Zaratustra*, nós encontramos concretamente um Nietzsche educador, pois anuncia o além-homem que, num primeiro momento, se assemelha à idéia de gênio desenvolvida no *Schopenhauer como educador*.

Se o objetivo do educador é a formação do gênio, a figura de Schopenhauer foi o exemplo de Nietzsche para o homem superior, ou seja, Schopenhauer foi o modelo e o exemplo pessoal de Nietzsche para o possível vislumbre para esse homem:

A minha avaliação de um filósofo depende da medida em que ele é capaz de dar um exemplo [...] Portanto, eu queria dizer que a filosofia na Alemanha deve sempre mais desaprender a ser 'ciência pura' e, justamente, este é o exemplo do homem Schopenhauer (NIETZSCHE, 1999, p.7).

E, nessa mesma obra, lemos mais adiante:

É uma condição de endurecimento, igual por valor àquela virtuosidade costumeira, fria e orgulhosa de si mesma, que é a coisa que mais do que tudo fica longe e afasta da verdadeira santidade A natureza de Schopenhauer, então, apresentava uma estranha e perigosa duplicidade. Poucos pensadores sentiram da mesma maneira e com a mesma incomparável determinação agitar-se neles o Gênio; e este Gênio lhes prometia o máximo: que não haveria sulcos mais profundos do que aqueles escavados pelo seu arado sobre o solo da humanidade moderna (NIETZSCHE, 1999, p. 10).

Schopenhauer foi para Nietzsche o modelo do filósofo que irrompeu contra seu tempo, e por ter sido o avesso da cultura alemã, seria o educador que iria educar o próprio Nietzsche a irromper contra seu tempo: "...agora me interessa algo muito mais acessível, e isto é, explicar como nós todos através de Schopenhauer podemos educar-nos contra nosso tempo..." (NIETZSCHE, 1999, p.12). E mais adiante: "Quem então reconheceu a irracionalidade na natureza desta época, deverá pensar nos meios para aplicar remédios: o seu dever será então de fazer conhecer Schopenhauer aos espíritos livres" (NIETZSCHE, 1999, p.30). Seria na

experiência pessoal de Nietzsche que ele iria constatar que Schopenhauer poderia ser o modelo de educador para a emersão do gênio: “Todavia prometi representar *Schopenhauer como educador* segundo as minhas experiências...” (NIETZSCHE, 1999, p. 17). Nesse horizonte, para Nietzsche, Schopenhauer aparece como um educador, primeiro pelo fato de ter sido um crítico da cultura alemã do século XIX; logo, poderia educar outros nessa mesma perspectiva e, posteriormente, visto Schopenhauer ser, na ótica de Nietzsche, um modelo de gênio, poderia, também, ensinar o caminho que conduziria ao homem superior.

Nessa perspectiva de análise, e isto é importante sublinhar, para Nietzsche é através da educação que se tornaria possível a elevação do homem e da cultura: “... todos aqueles que participam da instituição devem entregar-se com uma contínua purificação e com um recíproco cuidado em preparar em si e em volta de si, o nascimento do gênio e a maturação da sua obra”(NIETZSCHE, 1999, p. 29). Na formação do homem superior, a educação deve ocupar papel relevante, pois o exemplo do filósofo educador seria a forma para o gênio. Seguindo esse sentido de educação, esta assume um caráter de libertadora de toda a cultura alienante, marcada, segundo esta obra de Nietzsche, pelo comerciante, pelo estado, pela arte ascética e pelo cientista. Assim, o gênio, livre dessa cultura submissa, poderá formar-se através da educação conduzida pelo modelo de educador:

Os seus verdadeiros educadores e mestres revelam o sentido originário e a matéria fundamental de seu ser, algo que não se pode absolutamente educar nem formar, mas em todo caso é de difícil acesso por estar amarrado, paralisado: os seus educadores não podem ser nada mais que seus libertadores. E este é o segredo de toda formação: esta não dá membros artificiais, nariz de cera, olhos postiços – dons que somente a falsa imagem da educação pode dar. Esta é a verdadeira liberação, remoção de todas as ervas daninhas, lixos e parasitas (NIETZSCHE, 1999, p.3).

Por outro lado, a educação não se dá na instrução ou transmissão do conhecimento, mas no modelo ou no exemplo pessoal de vida. A educação, conforme Nietzsche (1999, p. 31) é um exemplo de vida, antes de mais nada. É a vida do filósofo que pode habilitá-lo a ser um educador e não o conhecimento que possui.

Sendo a educação um exemplo de vida, a escolha do educador é sempre de ordem pessoal do educando, como mostra Nietzsche (1999, p.7):

E se alguém nunca entendeu o que significa, na nossa atual humanidade de quimeras, encontrar uma natureza toda inteira, unívoca, bem firme na própria dobradiça e todavia em movimento, desenvolva e propícia, compreenderá a minha felicidade e a minha maravilha, eis que encontrei Schopenhauer: senti ter encontrado nele aquele educador e filósofo que procurei por tanto tempo.

Schopenhauer seria o modelo do filósofo educador, pois produziria, na leitura nietzschiana, o gênio: “A nostalgia por uma natureza forte, por uma humanidade sã e simples, nele (Schopenhauer) era nostalgia de si mesmo; e assim que venceu o tempo em si mesmo, precisou também ver, com olhar estupefato, o Gênio que estava nele” (NIETZSCHE, 1999, p. 12. Entre parênteses é meu.). Seguindo o modelo de Schopenhauer, emergiria o gênio, pois é o próprio gênio: “Schopenhauer teve, por sua vez, indescritível sorte, não só por observar de perto o gênio em si, mas também o de fora de si” (NIETZSCHE, 1999, p. 32. ).

Assim sendo, a educação se faz pelo exemplo e pelo modelo de filósofo, e Schopenhauer é um educador justamente porque, na leitura nietzschiana deste primeiro período, é um espírito livre, um gênio, um homem superior, juntamente, com Wagner, Goethe e Napoleão. Assim, só pode educar mostrando o caminho para o gênio aquele que assume as características do gênio; somente o homem superior pode conduzir alguém ao gênio; somente aquele de cultura superior pode educar os homens para uma cultura superior. Nesse raciocínio, para além do modelo schopenhaureano de educação, e considerando que Nietzsche rompeu com Schopenhauer anos mais tarde, podemos constatar um modelo nietzschiano de educação, ou seja, para além do *Schopenhauer como educador*, o que podemos introduzir é um “Nietzsche como Educador”; destarte, Nietzsche seria o modelo e o exemplo de filósofo educador que busca a proliferação do gênio.

Em outras palavras, Nietzsche têm a *Schopenhauer como educador* por este ter irrompido contra a cultura da época. Nessa dimensão, um Nietzsche educador é possível, pois nas obras de Nietzsche encontramos esta mesma crítica à civilização moderna. Por outro lado, a função da educação seria tornar viável o gênio ou o homem superior,

assim, nessa perspectiva, Nietzsche seria um educador, pois por ele se anuncia o homem de espírito livre, o gênio, e é pelo fato de sua filosofia anunciar o homem de espírito livre, que ele pode ser um educador e ensinar a ser e viver nos cumes como uma águia:

Quem respira o ar forte de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar [...] Quantas coisas sente-se *abaixo* de si – filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes – a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir de tudo o que a moral até agora banuiu (NIETZSCHE, 1995c, Prólogo, § 03).

Portanto, ler Nietzsche seria a forma para se educar:

Prevedo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou* [...] Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo revelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos que é dizer: *Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!* (NIETZSCHE 1995c Prólogo, § 01).

Se, como vimos, pensar a educação é trazer à tona o gênio, e para o surgimento do gênio é condição a tarefa de destruir os dogmas da cultura mesquinha da época, tal tarefa foi assumida por Nietzsche em sua existência filosófica. O próprio título do texto *Crepúsculo dos ídolos* traz como subtítulo uma filosofia a golpes de martelo, e tem como principal objetivo a destruição dos ídolos que impedem o surgimento do gênio. Dessa forma, Nietzsche é um educador, pois é um modelo de crítica avassaladora da cultura filistéia, e sabia disso ao afirmar:

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a terra, da mais profunda colisão da consciência, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite [...] Mas a minha verdade é *terrível*: pois até agora chamou-se à *mentira* verdade – *Tresvaloração de todos os valores*: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne (NIETZSCHE, 1995c, Por que sou um destino, § 01).



Nessas palavras, Nietzsche ensina e educa o que é ser um homem de espírito livre: tresvalorar todos os valores, ou seja, irromper e romper com os valores da cultura decadente e assumir os valores do homem sadio, forte, livre e independente. O autor seria também um educador, pois foi um modelo para o surgimento do além-homem e o Zaratustra foi um exemplo de gênio:

Ali (Assim falou Zaratustra) o homem é superado a cada momento, o conceito de ‘super-homem’ fez ali realidade suprema – tudo o que até aqui se chamou grande no homem situa-se a uma distância infinita, *abaixo* dele [...] Precisamente nessa extensão de espaço, nessa acessibilidade aos contrários, é que Zaratustra se sente como a *forma suprema de tudo o que é*, e, ouvindo como ele a define, renuncia-se a procurar seu símile (NIETZSCHE, 1995c, Assim falou Zaratustra, § 06. Entre parêntese é meu).

O Zaratustra é a encarnação perfeita do homem superior. Nesse sentido, Nietzsche, através da figura de Zaratustra, é um educador, pois “se sente como a forma suprema de tudo o que é” e somente por ser a forma é capaz de ser educador. Através da boca de Zaratustra, Nietzsche anuncia o além-homem, anuncia a tresvaloração de todos os valores.

No texto *Schopenhauer como educador*, Nietzsche tece uma série de críticas à cultura do século XIX, especificamente no que tange ao comércio, à organização política, ao mascaramento pela arte e à ciência. A crítica à cultura passa primeiramente pelo comércio. Nas palavras do pensador:

Há, em primeiro lugar, o *egoísmo dos negociantes* [...] A educação seria definida pelos seus sustentadores como aquele discernimento pelo qual nós tornamos completamente atuais, nas necessidades e na sua satisfação, com o que, ao mesmo tempo, pode-se dispor de todos os meios e todas as vias para ganhar dinheiro da maneira mais fácil possível. Formar o maior número possível de homens *courant*, no sentido em que dizemos *courant* de uma moeda, seria então a finalidade [...] Por isso, a intenção dos modernos institutos de instrução deve sem falta consistir no encorajar cada um, por aquilo que está na sua natureza, a tornar-se um *courant*, no educar cada um de maneira tal que tenha do próprio grau de conhecimento e saber a maior quantidade possível de felicidade e lucro (NIETZSCHE, 1999. p. 22 e 23).

Em seguida, a crítica de Nietzsche à cultura dirige-se para o papel do Estado que visa à propagação egoísta de seu poder: “Em segundo lugar há o *egoísmo do Estado* que por sua vez aspira para a maior difusão e generalização da cultura e dispõe dos instrumentos mais eficazes para satisfazer os seus desejos” (NIETZSCHE, 1999. p. 23). E, em outra passagem, lemos: “O Estado [...] tenta reorganizar tudo por sua própria iniciativa e ser, então, vínculo e pressão para todas aquelas forças hostis: deseja que os homens tenham para ele a mesma idolatria que antes reservavam para a Igreja” (NIETZSCHE, 1999 p. 14). O terceiro elemento constituinte de uma cultura submissa seria uma espécie de arte ascética que visa ao mascaramento do feio, ou melhor, visa tornar o feio em uma bela aparência, e assim, enganar. Este tipo de arte tem fins cosméticos, isto é, disfarçar e enganar, pela forma, a fealdade do homem moderno:

Em terceiro lugar a cultura vem favorecida por todos aqueles que, conscientes de um *conteúdo feio e tedioso* querem escondê-lo com a assim chamada ‘bela forma’. Com a exterioridade, a palavra, o gesto, o refinamento, o luxo, a educação, o observador deveria ser induzido a uma conclusão errada sobre o conteúdo: pressupondo que estejamos acostumados a julgar o interior do exterior. Parece-me, talvez, que os homens modernos se entediam demais uns com os outros e que no final achem necessário tornar-se interessantes com a ajuda de todas as artes (NIETZSCHE, 1999, p. 23).

A função que este tipo de arte ocupa na cultura doentia seria a de tornar o homem moderno, que é extremamente oco, submisso e alienado, portanto, feio, em algo atraente, belo e que desperte interesse. É nessa perspectiva que a arte é ascética. A última grande crítica à cultura que Nietzsche faz no texto *Schopenhauer como educador* refere-se à dimensão da ciência:

Em quarto lugar indico o *egoísmo da ciência* [...] A ciência está para a sabedoria assim como a virtuosidade para a santificação, ela é fria e seca, não tem amor e nada sabe sobre um sentimento profundo de insatisfação e saudade. Ela é tão útil a si mesma quanto mais nociva para os seus servidores, enquanto transfere sobre eles o próprio caráter e fossiliza a humanidade (NIETZSCHE, 1999. p. 25).

Para Nietzsche, o cientista é um decadente por excelência porque transforma toda a complexidade da existência humana num problema de conceito, de lei ou de observação. O cientista não potencializa a vida, mas restringe-a a generalizações universais.

No seu modo de ver, esses são alguns dos elementos que emperram o surgimento de uma cultura superior, são os entraves que impedem o aparecimento do gênio. Nesse sentido, foi necessário transpor esses entraves, e nada melhor do que um exemplo, um modelo. Na leitura nietzschiana, Schopenhauer é um verdadeiro educador, pois fez da sua filosofia uma guerra contra esses elementos que mantêm a cultura do século XIX submissa e decadente: “Assim Schopenhauer, desde sua primeira juventude, se rebelou àquela falsa, vã e indigna mãe que era a sua época, enquanto a mandava embora de si, purificava e curava o seu ser e reencontrava a si mesmo na saúde e na pureza que lhe eram próprias” (NIETZSCHE, 1999, p. 12).

Para ele, como vimos, educar é promover o surgimento do gênio rebelando-se contra a pobreza da cultura. E tal foi a tarefa de Schopenhauer. Por isso ele é, para Nietzsche, um educador: “Schopenhauer teve pouco a ver com a casta dos doutos, separou-se dele, almejou a independência do Estado e da sociedade, eis o seu exemplo, o seu modelo” (NIETZSCHE, 1999, p.7).

Se Nietzsche tomava *Schopenhauer como educador* por ele ter sido um modelo de crítica à cultura que ele seguia, também podemos chamar Nietzsche de educador porque a crítica à cultura moderna foi objeto de reflexão em toda a sua trajetória filosófica. O terceiro período da obra nietzschiana, basicamente após o Zaratustra, é um período notadamente marcado pela crítica à cultura moderna:

A tarefa para os anos seguintes (após o Zaratustra) estava traçada da maneira mais rigorosa. Depois de resolvida a parte de minha tarefa que diz Sim, era a vez da sua metade que diz Não, que *faz o Não*: a tresvaloração mesma dos valores existentes, a grande guerra – a conjuração do dia da decisão (NIETZSCHE, 1995c, Para além do bem e do mal, § 01. Entre parêntese é meu).

É nesse sentido que Nietzsche é, também, um educador, pois podemos tomá-lo como modelo de crítica e de gênio. É basicamente nas obras *Para além de bem e de mal*, *Para uma genealogia da moral*,

*Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo* que Nietzsche, filósofo educador, tece as mais severas críticas aos pilares que sustentam a cultura moderna. Comentando, no *Ecce homo*, seu livro *Para além do Bem e do Mal*, Nietzsche afirma: “Este livro (1886) é, em todo o essencial, uma crítica da modernidade, não excluída as ciências modernas, as artes modernas, mesmo a política moderna...” (NIETZSCHE, 1995c, Para além do bem e do mal, § 02. Entre parêntese é meu). E, no prefácio do *Crepúsculo dos ídolos*, encontramos:

Este pequeno livro é uma *grande declaração de guerra*; e quanto a surpreender os segredos do ídolos, desta vez não são mais os ídolos de nosso tempo, mas eternos que são aqui tocados pelo martelo como se faria com um diapasão – não há, em última análise, ídolos mais antigos, mais persuasivos, mais inflados... Não há mais ocos também... O que não impede que sejam aqueles em que se *crê demais*; e não são, mesmo nos casos mais nobres chamados de ídolos... (NIETZSCHE, 1995a).

Destruir os ídolos da cultura moderna doente, tal é a tarefa da educação nietzschiana. Nessa perspectiva, a filosofia de Nietzsche atacou os ídolos da nossa cultura. Sobre o Estado, assim fala

Chame-se ‘civilização’, ‘humanização’ ou ‘progresso’ àquilo em que se vê a distinção dos europeus; chame-se-lhe simplesmente, sem louvar ou censurar, e utilizando uma fórmula política, o *movimento democrático* da Europa: por trás de todas as fachadas morais e políticas a que remetem essas fórmulas, efetua-se um tremendo processo *fisiológico*, que não pára de avançar – o processo de homogeneização dos europeus (NIETZSCHE, 1992, § 242).

Em *Genealogia da Moral*, lemos: “Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve que contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz” (NIETZSCHE, 1988, II Dissertação, § 16). Dessa forma, o Estado aparece como uma instância legal e institucionalmente apta a tornar o homem um ser pobre, submisso e passivo. Sobre a Ciência, outro elemento de crítica à civilização moderna, escreve Nietzsche: “Também do ponto de vista fisio-

lógico a ciência pisa no mesmo chão que o ideal ascético: um certo *empobrecimento da vida* é o pressuposto, em um caso como no outro...” (NIETZSCHE, 1988, III Dissertação, § 25). Assim, a Ciência aparece como a instância degeneradora do corpo e de empobrecimento da vida. Sobre a religião, escreve Nietzsche: “Não há que embelezar nem adornar o cristianismo. Sustentei uma *guerra de morte* contra este *superior* tipo humano [...] O cristianismo tem junto de si tudo quanto é débil, fraco, mal nascido...” (NIETZSCHE, 1995b, § 05). É nessa linha que se constituiu a tarefa do Nietzsche educador: crítica aos ídolos da cultura moderna, pois cumprem um único objetivo: degenerar o homem; empobrecer a vida; tornar o homem um ser ressentido, malgrado, passivo e submisso.

Nesse horizonte, a tarefa de Nietzsche é educar as gerações vindouras na crítica e na não aceitação da cultura ascética. Para isso, nada melhor do que se educar em suas obras, pois nelas encontramos a crítica da cultura e a anúnciação do tipo de homem superior:

Seguindo meu costume de *afirmar* e cuidar de objeções e críticas apenas duma maneira indireta e involuntária, apresentarei desde já as três tarefas para as quais necessitamos educadores. É preciso aprender a ver, se deve aprender a *pensar*, se deve aprender a *falar* e a *escrever*; o fim dessas três coisas é uma cultura aristocrática (NIETZSCHE, 1995a, Aquilo que os alemães não têm, § 06).

Dessa crítica à cultura moderna como forma de apequenamento do homem, Nietzsche constata o caráter doentio da nossa civilização e a urgência da necessidade do médico. Essa premissa já se encontrava no primeiro período de sua filosofia. Assim, no *Schopenhauer como educador* lemos: “Nos momentos em que a necessidade dos médicos é altíssima, isto é, durante as grandes epidemias, eles estão mais expostos ao perigo” (NIETZSCHE, 1999, p.5). Num texto um pouco anterior ao *Schopenhauer como educador*, Nietzsche nos ensinava sobre a necessidade de um “médico” capaz de “curar” a doença da sociedade moderna. Esse médico assume a figura do filósofo, ou seja, é o filósofo que encarna a função do médico como meio de cura de uma civilização que se degenera:

É nas épocas de grande perigo que os filósofos aparecem – no momento em que a roda do tempo gira cada vez mais depressa – eles e a arte tomam o lugar do mito que desaparece. Mas eles lançam-se muito

antecipadamente, pois a atenção dos contemporâneos só lentamente se volta para eles. Um povo que se torna consciente dos perigos produz o gênio (NIETZSCHE, s/d, O último filósofo, § 24).

E num outro texto contemporâneo a este, o filósofo – médico deverá preparar o terreno para o surgimento do gênio: “*Para nós*: o filósofo é, conseqüentemente a Corte suprema da escola. Preparação do gênio...” (NIETZSCHE, [19--] O filósofo como médico da civilização, § 175). A educação, segundo Nietzsche, deve nos ensinar a irromper contra a civilização moderna e nos conclama a assumirmos o papel de filósofos que tornará possível uma civilização e um homem superior.

Podemos considerar Nietzsche um educador, e a sua filosofia a isso nos leva, pois ele próprio assumiu esse papel de filósofo educador que critica a civilização e anuncia a emergência do gênio.: “O último filósofo, é assim que me nomeio, pois eu sou o último homem. Ninguém me fala a não ser exclusivamente eu, e a minha voz chega-me como a de um moribundo” (NIETZSCHE, [19--], O último filósofo, § 87). No texto *A gaia ciência*, Nietzsche apresenta-a si mesmo num poema intitulado *Ecce homo*: “Sim, eu sei de minha raiz. Insatisfeito como a chama. Eu ardo e me consumo. Tudo o que toco torna-se luz. Tudo o que abandono torna-se carvão. Sou, com certeza, chama” (NIETZSCHE, 1995d, § 62). No livro *Ecce homo*, Nietzsche declara que a sua tarefa enquanto filósofo que deve educar é derrubar ídolos: “Eu não construo novos ídolos, os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. *Derrubar ídolos* (minha palavra para ‘ideais’) – isto sim é meu ofício” (NIETZSCHE, 1995c, Prólogo, § 02), e a seguir afirma ser a sua filosofia para grandes homens: “filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes – a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora banuiu” (NIETZSCHE, 1995c, Prólogo, § 03). Nesse horizonte, Nietzsche sabia que aquilo que sua filosofia tinha para ensinar era violento, sendo, pois para ouvidos seletos, para homens seletos, ou seja, para homens que aspiravam ao modelo de homem superior.

Como vimos no texto *Schopenhauer como educador*, o papel do educador é preparar e anunciar a emergência do gênio, a emergência do além-homem. Tal sendo a tarefa do educador, Nietzsche foi, nesta perspectiva, um educador por excelência, pois toda a obra *Assim falou Zaratustra* é o anúncio de um novo homem que está por vir, assim, o

Zaratustra é o anúncio da boa-nova de um novo homem; é o livro de Nietzsche que diz sim à vida, que está recheado de otimismo no além-homem. Sobre o Zaratustra, em *Ecce homo* lemos:

Entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito. Esse livro, com uma voz de atravessar milênios, é não apenas o livro mais elevado que existe, autêntico livro do ar das alturas [...] é também o mais profundo, o nascido da mais oculta riqueza da verdade, poço inesgotável onde balde nenhum desce sem que volte repleto de ouro e bondade (NIETZSCHE, 1995c, Prólogo, § 04).

O Zaratustra é a encarnação perfeita de Nietzsche educador, pois concentra em seus textos a crítica da cultura moderna e o anúncio do além-homem. A própria forma de como está escrito o Zaratustra emana um caráter professoral, poisé pela boca dele que Nietzsche fala a sua verdade. Zaratustra, ao descer da montanha, fala aos homens como se fosse um mestre que revela aos seus discípulos as verdades até então falsificadas. Nesse sentido, a forma como Zaratustra fala aos homens revela toda a carga do filósofo educador que, criticando a civilização moderna e anunciando a vinda do além-homem, deverá curar a nossa cultura ressentida. Assim, é pelo Zaratustra que Nietzsche educa os homens para o gênio, e é isso que ele quer dizer ao afirmar no Zaratustra: “E de mim deve *aprender*, também o aprender, e aprender bem! - Quem tiver ouvidos, que entenda!” (NIETZSCHE, 1997). Das antigas e novas tábuas, § 16). Nesse sentido, a figura do Zaratustra encarna o papel do educador que, em primeiro lugar, vai ao povo ensinar-lhes:

Quando vim aos homens pela primeira vez, cometi a estupidez de um eremita, a grande estupidez: me misturei ao mercado.

E quando falava para todos, não falava para ninguém. E a noite eram meus companheiros os oportunistas e os cadáveres; e eu mesmo era quase um cadáver (NIETZSCHE, 1997, Do homem superior, § 01).

Já no *prefácio*, Nietzsche, exercendo seu papel de filósofo educador, anuncia e ensina a finalidade do homem, ou seja, o objetivo da vida deve ser o além-homem:

Contudo, Zaratustra voltava-se para a multidão e, olhando-a, assombrava-se. Depois, falou assim:

O homem é uma corda estendida entre a besta e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Uma passagem perigosa, um perigoso caminho, um perigoso olhar para trás, um perigoso tremer e parar.

A grandeza do homem é ele ser uma ponte e não uma meta: isto é, o que se pode amar no homem é ele ser uma *transição* e um *ocaso* (NIETZSCHE, 1997, Prefácio de Zaratustra, § 04).

Dessa forma, Nietzsche, através da figura do Zaratustra, fala da necessidade de o homem transpor esta cultura ressentida e rumar em direção ao gênio ou ao além-homem

Ainda no *prefácio*, Nietzsche revela a tarefa de seu Zaratustra: pescar homens, ou seja, arrebatá-los, não para fundar uma religião, mas sim para prepará-los para o homem superior:

- Hoje Zaratustra fez, na verdade, uma boa pesca! Não pescou homem nenhum, mas sim um cadáver!

Inquietante é a existência humana e para sempre sem sentido: um palhaço pode ser-lhe fatal. **Quero ensinar** aos homens o sentido de sua existência: que é o além-homem, o relâmpago que brota da escura nuvem que é o homem (NIETZSCHE, 1997, Prefácio de Zaratustra, § 07. O negrito é meu).

E, mais adiante, lemos:

Um raio de luz me atravessa a alma: preciso de companheiros, e vivos – não de companheiros mortos e cadáveres [...] Necessito de companheiros vivos, que me sigam, porque querem seguir a si mesmos – para onde quer que eu queira [...] Quero acompanhar-me daqueles que criam, dos que colhem e se divertem; mostrar-lhes-eis o arco-íris e todas as escadas que levam ao além-homem (NIETZSCHE, 1997, Prefácio de Zaratustra 1997, § 09).

Nessas passagens fica clara a tarefa do Zaratustra que Nietzsche irá desenvolver no decorrer do livro: ensinar aos homens o sentido da vida que é o além-homem, assim, o Zaratustra é a expressão do tipo de homem superior que, por ser superior, pode ser um educador.



A idéia do além-homem colocado por Nietzsche na boca do Zaratustra revela, num outro sentido, uma reeducação do homem. Em outras palavras, pelo fato de o homem moderno viver na praça pública – lugar do populacho por excelência – e viver sob o jugo dos dogmas ou ídolos modernos – religião, política, ciência – faz-se necessário reeducá-los num modo de vida ascendente que visa, em última instância, ao enobrecimento da vida e ao engrandecimento do homem. É esta a tarefa atribuída por Nietzsche à figura do Zaratustra, uma tarefa eminentemente educativa de transposição de um modo de vida ressentido para um modo de vida nobre e aristocrático. Cito o Zaratustra: “Olhando em mares longínquos, em outros tempos se dizia deus: mas agora, eu vos ensino a dizer: além-homem” (NIETZSCHE, 1997, Nas ilhas bem-aventuradas).

Falar numa educação nietzschiana, é falar num filósofo que assume a figura do médico que se propõe curar a civilização ascética, pois o educador é aquele que prepara a ascensão para o gênio, para o homem superior. Nesse cenário conceitual, Nietzsche anuncia, pela fala do Zaratustra, o além-homem, assim sendo o Zaratustra é um educador pois desce das montanhas para ensinar aos homens a superarem a si mesmos em direção ao homem superior:

Além foi também onde recolhi ao longo do caminho a palavra ‘além-homem’ e a idéia de que o homem é qualquer coisa que deve ser superado:

- que o homem é uma ponte e não um fim: que se sente satisfeito pelo seu meio-dia e da sua tarde, como via, as vezes, uma nova aurora [...] Em verdade, eu apontei a eles novas estrelas e, junto, nova noite; e sobre as nuvens e do dia e da noite, pude eu estender o riso como uma tenda de muitas cores.

Ensinei a eles todas as *minhas* invenções poéticas e pensamentos: a concentrar em *si* tudo aquilo que no homem é fragmentos e enigmas e polvoroso destino

– como poeta e solucionador de enigmas e redentor do destino, ensinei a eles a criar no futuro e a redimir tudo o que *foi* – criado (NIETZSCHE, 1997, Das antigas e novas tábuas, § 03).

Através da figura do Zaratustra, Nietzsche ensina aos homens o caminho para o além-homem, para o homem que exerce sua liberdade,

que governa a si mesmo, que constrói para si mesmo os seus próprio valores. O homem superior está para além da condição mesquinha do homem moderno; está para além do homem que vive no mercado:

‘Sois homens superiores’ – assim diz a plebe – ‘não existe homens superiores, somos todos iguais, o homem é homem, diante de deus – sejamos todos iguais’. Perante deus! – Mas agora este deus está morto. Diante da plebe, contudo, nós não queremos ser iguais. Homens superiores, andai longe do mercado! (NIETZSCHE, 1997, Do homem superior, § 01).

Ao contrário deste homem medíocre da praça pública, o Zaratustra educa os homens para ser dos cumes e das montanhas; homens que assumem a figura da águia:

Tendes coragem, amigo meu? Tens coração? *Não* bravura diante da testemunhas, mas bravura de solitário e de águia, o qual nenhum deus faz mais do que ser espectador?

As almas frias, os cegos, os bêbados, não são, para mim bravos. Tem coração aquele que conhece o medo, mas *tem todo controle* sobre o medo, aquele que olha no abismo, mas com *orgulho*.

Aquele que olha no abismo, mas com olhos de águias – aquele que com as garras da águia *aferra* o abismo: é este que tem bravura (NIETZSCHE, 1997 Do homem superior, § 04).

O além-homem que Nietzsche nos ensina pelo discurso do Zaratustra, é aquele que forja de seu próprio corpo seus valores, aquele que diz sim à vida, que aceita a vida e enfrenta a tragicidade da existência. Em última instância, o homem superior que Nietzsche nos ensina é aquele que aceita a si mesmo.

## Nota

- 1 A idéia de um gênio que esteja para além da cultura doente da época não é uma idéia que se circunscreve somente neste texto de Nietzsche, mas é retomada em várias obras desse autor. Assim, lemos no *Crepúsculo dos ídolos*: “*Meu conceito de gênio* – Os grandes homens são como as grandes épocas, matérias explosivas, imensas acu-

mulações de forças. [...] Quanto a tensão chegou a ser muito grande na massa, a mais casual irritação basta para se chamar à cena do mundo o gênio, para chamá-lo a ação e aos grandes destinos [...] Entre o gênio e seu tempo existe a relação que existe entre o forte e o fraco, entre o jovem e o velho (NIETZSCHE, 1995a, Incursões de um extemporâneo, § 44). No horizonte dessa passagem sobre o gênio, valeria a pena fazer um estudo tentado fazer algumas aproximações entre a noção de gênio do *Schopenhauer como educador* e a noção de além-homem que aparece no Zarathustra.

## Referências

- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. Tradução Adriana M. Saura Vaz. Campinas: Faculdade de Educação/ UNICAMP, 1999. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. *La gaia scienza*. Milão: Adelphi Edizioni, 1995d.
- \_\_\_\_\_. *Crepuscolo degli idoli*. Milão: Adelphi Edizioni, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *L'anticristo*, Milão: Adelphi Edizioni, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *Così parlò Zarathustr*. Milão: Oscar Mondadori Editore, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995c.
- \_\_\_\_\_. *Para além de bem e de mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *O livro do filósofo*. Porto: Rés Editora, [19--].
- \_\_\_\_\_. *Despojos de uma tragédia*. Porto: Editora Educação Nacional, 1944.
- JANZ, Curt P. *Friedrich Nietzsche: los diez años de Basilea 1869/1879*. Madri: Alianza Editorial. 1987.
- HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- SCHACHT, Richard. A nietzschean education: Zarathustra/ *Zarathustra as educator*, In: RORTY, Amélia. *Philosophers on education : new historical perspectives*. London: Routledge.[19--]

*Abstract:*

*This paper aims to present Nietzsche as an educator who educates throughout his books. With this in mind it examines Nietzsche's own analysis of Schopenhauer as Educator stressing those features that, in the nietzschean view, have made Schopenhauer an educator. The argument follows transposing these educational aspects to Nietzsche's later work, trying to demonstrate that Nietzsche himself is an educator, since those defining aspects can be found in his texts, particularly in Thus spoke Zarathustra.*

*Key-words:*

*Education; Zarathustra; genius; modernity*

*Resumen:*

*Este texto tiene como objetivo presentar a Nietzsche como un educador que educa a través de sus obras. Por lo, partiremos del análisis que hizo en el Schopenhauer como educador, tomando las características necesarias que, en la óptica nietzschiana, hicieron de Schopenhauer un educador. A partir de eso, podemos transponer esas características del educador para las obras posteriores de Nietzsche, en un análisis que demuestra que él es también un educador, pues tales características son intrínsecas a sus textos, principalmente en Así hablaba Zaratustra.*

*Palabras claves:*

*Educación; Zaratustra; genio; modernidad.*